**IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS
EM JARDIM AMÉRICA**

O DIACONATO

Pr. JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS

ÍNDICE

CAPÍTULO I – A NATUREZA DO DIACONATO

- 1– INTRODUÇÃO
- 2– DEFINIÇÃO
- 3– A INSTITUIÇÃO DO DIACONATO
 - 3.1 – O Crescimento da Igreja
 - 3.2 – O Descontentamento Social
 - 3.3 – O Comprometimento do Ministério Apostólico
 - 3.4 – A Organização Ministerial da Igreja
- 4 – A NATUREZA DO DIACONATO
 - 4.1 – O Diaconato Como Ofício
 - 4.2 – O Diaconato Como Ministério
 - 4.3 – O Diaconato Como um Importante Negócio
- 5 – DIACONATO: UM MINISTÉRIO LOUVÁVEL
- 6 – JESUS, O DIACONO DOS DIACONOS
- 7 – CONCLUSÃO (do Capítulo I)

CAPÍTULO II – AS QUALIFICAÇÕES DO DIACONO

- 1– O QUE SÃO AS QUALIFICAÇÕES DIACONAIS?
 - 2 – BOA REPUTAÇÃO
 - 2.1 – O Que é a Reputação?
 - 2.2 – O Significado Grego da Palavra Reputação
 - 3 – PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO
 - 3.1 – O Ser Cheio é o Mesmo Que Ser Batizado no Espírito Santo?
 - 3.2 – A Experiência Pentecostal
 - 3.3 – Batismo ou Fruto do Espírito?
 - 4 – SABEDORIA ESPIRITUAL
 - 4.1 – O Que é Sabedoria?
 - 4.2 – Como se adquire Semelhante Sabedoria?
 - 5 – HONESTIDADE
 - 5.1 – O Que é Honestidade?
 - 5.2 – A Razão da Honestidade
 - 6 – NÃO DE LÍNGUA DOBRE
 - 7 – ABSTINÊNCIA ÀS BEBIDAS ALCOÓLICAS
 - 8 – INCORRUPÇÃO E INTEGRIDADE
 - 9 – A OBSERVÂNCIA NO MINISTÉRIO DA FÉ NUMA CONSCIÊNCIA PURA
 - 10 – FIDELIDADE CONJUGAL
 - 11 – A EDUCAÇÃO E O GOVERNO DOS FILHOS
 - 12 – O GOVERNO EFICIENTE DA CASA
 - 13 – CONCLUSÃO (do Capítulo II)

CAPÍTULO III – COMO SERVIR A SANTA CEIA

- 1 – O QUE É A SANTA CEIA?
- 2 – MANTENDO A SOLENIDADE DA SANTA CEIA
- 3 – CUIDADOS QUE O DIÁCONO DEVE TER DURANTE A CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA
- 4 – O CUIDADO COM A VESTIMENTA DO DIÁCONO
- 5 – ASSEIO PESSOAL
- 6 – A PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS
- 7 – A DISTRIBUIÇÃO DO PÃO E DO CÁLICE

- 8 – CUIDADOS POSTERIORES
- 9 – CONCLUSÃO (do Capítulo III)
- CAPÍTULO IV – COMO RECOLHER OFERTAS
- 1 – O ESPÍRITO DO DIÁCONO NO ATO DA CONTRIBUIÇÃO
- 2 – COMO SE DEVE RECOLHER AS OFERTAS
- 3 – CUIDADOS A SEREM OBSERVADOS
- 4 – CONCLUSÃO (do Capítulo IV)

CAPÍTULO V – O DIÁCONO COMO PORTEIRO

- 1 – O QUE É O PORTEIRO?
- 2 – OS LEVITAS COMO PORTEIROS?
- 3 – O MINISTÉRIO DE PORTEIRO NO ANTIGO TESTAMENTO
- 4 – RECOMENDAÇÕES AO PORTEIRO
- 5- CONCLUSÃO (do Capítulo V)

CAPÍTULO VI – A ÉTICA DIACONAL

- 1 – O QUE É A ÉTICA DIACONAL
- 1.1 – O Que é a Ética?
- 1.2 – O Que é a Ética Diaconal?
- 2 – AS FONTES DA ÉTICA DIACONAL
- 2.1 – A Bíblia
- 2.2 – Regulamentos da Igreja Local
- 2.3 – A Consciência do Próprio Diácono
- 3 – SÍNTESE DA CONDUTA ÉTICA DO DIÁCONO
- 3.1 – Quanto ao Seu Ofício
- 3.2 – Quanto à Sua Lealdade
- 3.3 – Quanto às Críticas
- 3.4 – Quanto à Minистраção Pública da Ceia
- 3.5 – Quanto ao Dinheiro
- 3.6 – Quanto à Discrição
- 3.7 – Quanto às Arbitrariedades
- 3.8 – Quanto à Pontualidade
- 3.9 – Quanto à Obediência
- 3.10 – Quanto ao Amor
- 4 – CONCLUSÃO (do Capítulo VI)

CAPÍTULO I

A NATUREZA DO DIACONATO

1 – INTRODUÇÃO

Aquilino de Pedro afirmou que o diaconato é o ministério por excelência e o serviço é a sua razão primacial. Se nos voltarmos aos Atos dos Apóstolos, constataremos que não exagera o ilustrado teólogo. A diaconia outra coisa não é senão um serviço incondicional e amoroso a Deus e à sua igreja.

O diácono que não vive para servir a igreja de Deus, não serve para viver como ministro de Cristo. A essência do diaconato é o serviço. O serviço também é o amoroso fundamento e sem serviço a diaconia é impossível. Nesse sentido, quão excelso e perfeito diácono foi o Senhor Jesus.

Não buscamos aqui nenhum efeito retórico. Todas essas implicações acham-se em perfeita consonância com o significado da palavra diácono.

2 – DEFINIÇÃO

A palavra diácono é originária do vocábulo grego *diákonos* e significa, etimologicamente, ajudante, servidor. Já que o diácono é um servidor, pode ele ser visto também como ministro. A essência do ministério cristão, salientamos, é justamente o serviço.

Em seu Dicionário do Novo Testamento grego. Oferece-nos W. C. Taylor a seguinte definição: garçom, servo, administrador e ministro. Na Grécia clássica, diácono era o encarregado de levar as iguarias à mesa, e manter sempre satisfeitos os convivas.

Na Septuaginta, eram os servos chamados de diáconos, porém não desfrutavam da dignidade de que usufruíam seus homônimos do Novo Testamento, nem eram incumbidos de exercer a tarefa básica destes: socorrer os pobres e necessitados.

Não passavam de meros serviçais. Aos olhos judaicos, era esse um cargo nada honroso. Se quisermos entender a real função do diácono, ver-nos-emos obrigados a recorrer ao étimo da palavra **diaconia**. No original, ostenta o referido vocábulo estes sentidos: distribuição de comida, socorro, ministério e administração. Não são esses basicamente os misteres do diácono eclesialístico?

A palavra diácono aparece cerca de trinta vezes no Novo Testamento. Às vezes, realça o significado da palavra, outras o do ministro. Finalmente, sublima a função que passou a existir na igreja primitiva a partir de Atos capítulo seis. Observamos, entretanto, que, nesta passagem de Atos dos Apóstolos, não encontramos a palavra diácono. O cargo é descrito, e o título não é declinado. A obviedade do texto, contudo, não atura dúvidas: referiam-se os apóstolos, de fato, ao ministério diaconal.

3 – A INSTITUIÇÃO DO DIACONATO

O diaconato é o único ministério cristão a originar-se de um fato social; surgiu de uma premente necessidade da igreja primitiva: o socorro às viúvas helenistas. Atenhamo-nos à narrativa de Lucas: Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daqueles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos dentre vós, sete homens de boa reputação, cheio do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra. O parecer agradou a todos, e elegeram a Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia, e os apresentaram perante os apóstolos; estes, tendo orado, lhes impuseram as mãos (At 6. 1-7).

Do texto sagrado, apontemos alguma das razões que levaram os apóstolos a instituírem o diaconato:

3.1 – O Crescimento da Igreja – Do pentecostes à instituição do diaconato, a igreja primitiva cresceu de maneira vertiginosa. De aproximadamente três mil convertidos, passou logo a cinco mil; a partir daí, o rebanho do Senhor não mais parou de multiplicar-se (At 2.41; 4.4). De forma que, em Atos capítulo seis, o número de discípulos já havia superado a capacidade estrutural da igreja (At 6.1).

Crescendo o número dos fiéis, cresceram também os problemas. Tivesse a igreja se limitado aos cento e vinte, certamente nenhuma dificuldade teriam os primitivos cristãos. Não haveriam de precisar de diáconos, nem de pastores. Até os mesmos apóstolos seriam prescindíveis. Acontece que as grandes igrejas enfrentam grandes desafios, e demandam, por conseguinte, grandes soluções.

Com a chegada das ovelhas, vai o aprisco deixando sua rotina, vai o pastoreio desdobrando-se em cuidados e desvelos pelas almas, e o Reino de Deus vai alargando suas fronteiras e descortinando os mais promissores horizontes.

O maior problema da igreja Primitiva, naquele momento, era o desconcerto social gerado pelo clamor das viúvas helenistas que, na distribuição diária, vinham sendo preteridas em relação às hebréias.

3.2 – O Descontentamento Social – Relata-nos Lucas que “houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daqueles estavam sendo esquecida na distribuição diária”. Tal contingência não podia esperar, exigia imediata solução. Caso não houvesse uma alternativa urgente e satisfatória, a situação deteriorar-se-ia, agravando a injustiça social, e aprofundando a fissura entre os dois principais segmentos culturais da igreja em Jerusalém: os hebreus e os helenistas.

Afirma o eminente teólogo da universidade de Salamanca Lorenzo Torrado: “A queixa dos helenistas, a julgar pela iniciativa tomada pelos apóstolos, parece que tinha sério fundamento”.

A situação que se desenhava deixou os apóstolos muito preocupados. Como israelitas, sabiam eles que a injustiça e as desigualdades sociais eram intoleráveis aos olhos de Deus (Dt 15.7,11).

Não foi por causa da opressão que o Senhor desterrara a Israel? A palavra de Ezequiel não tolera dúvidas: “O povo da terra tem usado de opressão, e andado roubando e fazendo violência ao pobre e ao necessitado, e tem oprimido injustamente ao estrangeiro” (Ez 22.29). Infelizmente, a questão social continua a ser descurada por muitos ministros do Evangelho. Acham eles que a desigualdade social é um problema que cabe apenas ao governo resolver. Mas a Bíblia assim não ensina. Embora a igreja de Cristo seja um organismo espiritual e desfrute da cidadania celeste, ela é vista como uma comunidade administradora de uma justiça que tem de exceder a do mundo (Mt 5.20).

O comentário é de Broadman: “os cristãos têm infligido quase tantas feridas à comunhão quanto os perseguidores externos, abrigando em si preconceitos raciais, religiosos e de classe. Esse preconceito leva à discriminação, e a discriminação destrói a unidade dos crentes. Estas distinções não deviam ter entrado na igreja, naquela época, e não devem entrar hoje”. Por conseguinte, quando o colégio apostólico decidiu instituir o diaconato, tinha em vista também a administração da justiça entre o povo de Deus.

A partir da ordenação dos sete, puderam os 12 dedicar-se com mais zelo ao seu ministério básico: a administração da Palavra e o exercício da oração, a fim de que a igreja continuasse una.

3.3 – O Comprometimento do Ministério Apostólico – Continuassem os apóstolos a suprir pessoalmente as necessidades dos órfãos e das viúvas, haveriam de comprometer de forma irremediável as principais funções de seu ministério, por isso deliberaram: “não é razoável que nós deixemos a palavra de DEUS e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete

homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra” (At 6.2-4).

O que vinham fazendo os apóstolos, de conformidade com a língua original, não era nada razoável. A locução grega encerra um forte significado: Ouk arestón estin. Logo, não lhes era apropriado, ou agradável, dedicarem-se a outro mister que não fosse a ministração da palavra e ao exercício da oração. O verbo **deixar** também é mui expressivo: kataleipsantas significa abandonar ou deixar para trás.

Vê-se, portanto, que os apóstolos estavam descurando da finalidade primacial de seu ministério. Não houvesse despertado a tempo, o arcabouço doutrinário do cristianismo estaria certamente comprometido, pois as heresias não demorariam a surgir, dividindo o povo de Deus ainda em seu nascedouro.

Como seria maravilhoso se os pastores seguissem o exemplo dos apóstolos! Infelizmente, não são poucos os que se acham de tal forma empenhados com os negócios materiais do rebanho, que já não tem tempo de orar, nem mais ligam importância à exposição da palavra. Transformaram-se em meros executivos. Vivem mais preocupados com os rendimentos financeiros do redil do que com o bem estar das ovelhas. Será que ainda não perceberam ter sido o diaconato instituído justamente para que os pastores se entregassem amorosamente à oração e à proclamação dos conselhos de Deus? Queira o Senhor que, no término do nosso ministério, possamos dizer como o apóstolo Paulo: “porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

3.4 – A Organização Ministerial da Igreja – Até a instituição dos diáconos a igreja conhecia apenas o ministério apostólico. Eram os apóstolos responsáveis inclusive pelo socorro cotidiano, e isto como vimos por pouco não compromete o desempenho do principal magistério da igreja.

Com a instituição dos diáconos, porém, formou-se a base do ministério eclesiástico. Levemos em conta também os anciãos; estavam eles sempre prontos a secundar os apóstolos. Mais tarde, o termo ancião ou presbítero passaria a ser sinônimo de pastor e bispo. Desde então, apesar das várias formas de governos eclesiásticos, a igreja vem funcionando a contento, cumprindo suas várias tarefas, tendo como base o modelo de Atos dos apóstolos.

4 – A NATUREZA DO DIACONATO.

O que é o diaconato? Um ofício? Ou um ministério? Tendo em vista o que já foi exposto, podemos dizer que é o diaconato tanto um ofício quanto um ministério.

4.1 – O Diaconato Como Ofício – Ofício é uma ocupação que exige um grau mínimo de habilidade. Nesse sentido, o diaconato é um ofício; sua função acha-se claramente delimitada: suprir as necessidades dos santos. No desempenho, desse ofício, como veremos no capítulo seguinte, são requeridas específicas qualificações e habilidades. O ofício básico do diácono, portanto, é a assistência social. Se um diácono não se presta a este mister, não pode ser considerado como tal. É tudo, menos diácono.

4.2 – O Diaconato Como Ministério – Ministério é um trabalho, ou função eclesiástica, exercido por aqueles que são biblicamente ordenados. Da leitura de Atos 6.6: “E os apresentaram ante os apóstolos e estes, orando, lhes impuseram as mãos”, concluímos: os diáconos são também ministros. Apontemos algumas razões que nos arguem serem os diáconos integrantes do ministério cristão:

a) A instituição do diaconato foi inspirada pelo Espírito Santo. Basta ler os versículos iniciais de Atos capítulo seis para se chegar a essa conclusão mais que óbvia. Assim como os apóstolos haviam sido chamados para auxiliar a Jesus, foram os diáconos separados para assistir aos apóstolos e pastores. Não se admite, pois que os diáconos façam oposição ao pastor; foram eles chamados justamente para ajudar o anjo da igreja.

b) A instituição do diaconato foi eclesiasticamente acordada. Ou seja, contou com o apoio de toda a igreja de Jerusalém que, em seu nascedouro, representava toda a assembléia dos santos. E, de conformidade com as instruções do próprio Cristo, “se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus” (Mt18.19). Logo, o diaconato surgiu com o pleno apoio da Igreja de Cristo.

c) os diáconos foram formalmente ordenados. A passagem de Atos 6.6 é claríssima: “e os apresentaram ante os apóstolos” (At 6.6). Não foram os sete separados em segredo, mas consagrados ante a congregação. Contaram eles, conseqüentemente, com o apoio tanto da igreja quanto do ministério apostólico.

d) Os diáconos receberam formalmente a imposição de mãos. Ai está a prova cabal de seu ministério. À semelhança dos apóstolos Barnabé e Saulo, foram os diáconos santificados ao ministério através desse ato tão significativo: “orando lhes impuseram as mãos” (At 6.6; 13.1-3). Se não são ministros os diáconos, porque a oração e a imposição de mãos?

e) A real dimensão do diaconato. Convém ao diácono entender que, embora ministro, jamais deve ignorar a autoridade que tem o pastor sobre todos os ministérios, órgãos e departamentos da igreja. Que ele reconheça sempre a verdadeira dimensão de seu cargo e a exata razão de sua chamada, e coloque-se à inteira disposição de seu pastor. Seja amigo e companheiro deste.

Cabe aqui lembrar o que disse Otis Bardwell, experiente diácono: “O diácono não foi chamado para receber honrarias, mas para servir a Deus e a Igreja”.

4.3 – O Diaconato Como um Importante Negócio – Na versão revista e corrigida de Almeida lemos: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões (...) aos quais constituamos sobre este importante negócio” (At 6.3). A versão atualizada, porém, buscando maior aproximação com o grego, usa a seguinte expressão: “aos quais encarreguemos deste serviço”. É o diaconato, afinal, um serviço ou um importante negócio? Ambas as coisas, pois estão certas ambas as versões.

A palavra grega obreía tanto pode ser traduzida como **serviço** quanto como **negócio**. Ela pode ser compreendida, ainda, como “um serviço para suprir auxílio em caso de necessidade”. Portanto, nenhum erro cometeram os revisores dessas versões.

Servir a igreja, a Noiva do Cordeiro, é de fato um importante negócio! Pense nisso diácono, e conscientize-se de sua responsabilidade.

5 – DIACONATO: UM MINISTÉRIO LOUVÁVEL.

Louvamos a Deus porque vêm os diáconos exercendo tão bem o seu ofício e ministério que desde a sua instituição a palavra diákonos cresceu de importância; transcendeu o seu primitivo significado. Se antes evocava a imagem de um garçom solícito hoje lembra um autêntico ministro de Cristo. Se no judaísmo o serviço aos pobres era exercido através de esmolas os diáconos vieram a demonstrar ser isso insuficiente. É necessário proporcionar aos necessitados um serviço relevante. Não se admite mais que os santos, à semelhança de Lázaro, fiquem sob a nossa mesa à espera de alguma migalha. Agora, devem eles, mesmo no extremo de sua carência, postar-se à mesa do Senhor, enquanto os diáconos, amorosa e eficientemente, prontificam-se a servi-los.

Portanto, o diácono não é um mero oficial da igreja. É um ministro. Haja vista que Paulo arrola-o juntamente com os bispos ao discorrer sobre as qualidades indispensáveis ao ministério cristão (1Tm 3.13).

6 – JESUS, O DIÁCONO DOS DIÁCONOS.

Foi o Senhor um diácono em tudo perfeito. Na declaração que faz Ele em Marcos 10.45, encontramos a variante da palavra diakonia duas vezes: “O Filho do Homem também não veio

para ser servido (diakonêbnai), mas para servir (diakonêsai) e dar a sua vida em resgate de muitos”. Ele era Senhor, e servia a todos, Era o Rei prometido, mas se dizia servo dos servos de Deus. Deveria estar à mesa, mas ei-lo a lavar os pés aos discípulos. Embora o Apocalipse mostre-o na plenitude de sua glória, vemo-lo, em Isaías, como o servo sofredor. A fim de assumir a sua diaconia, despojou-se de suas prerrogativas, assumiu a nossa forma e pôs-se a servir indistintamente a todos. Este é o nosso Senhor; Diácono dos diáconos!

7 – CONCLUSÃO.

Como você pôde constatar, o ministério diaconal reveste-se de especial importância à igreja de Cristo. É imprescindível aos Santos! Por isso, deve ser exercido com amor e eficiência. Ou eficiência amorosa? Não o menospreze, não o tenha como um degrau para se alcançar outros cargos e ministérios. Mas como seria útil se os pastores todos tivessem experimentado os privilégios do diaconato! Seríamos, hoje, mais úteis no episcopado.

O diaconato é ministério; tem de ser exercido integral e plenamente. Pense nisso! E assumo o seu compromisso com Deus.

CAPÍTULO II

AS QUALIFICAÇÕES DO DIÁCONO

1 – O QUE SÃO AS QUALIFICAÇÕES DIACONAIAS?

As qualificações diaconais são os requisitos imprescindíveis que tornam o obreiro cristão apto a exercer o ministério de socorro aos necessitados e de serviço aos santos. Tais qualificações acham-se compendiadas em Atos 6.3 e na primeira epístola de Paulo a Timóteo 3.8-13. Em ambas as passagens, há um elenco de virtudes e requisitos, que só encontraremos em homens de raríssimo valor.

Por que tais qualificações fazem-se tão necessárias? A resposta é óbvia. Diferentemente do escravo do antigo testamento, de quem era requerida apenas uma cega subserviência, o diácono do testamento novo viria a ocupar um lugar de honrado destaque na igreja de Cristo. Não seria ele um servo comum; erguer-se-ia como ministro. Eis porque lhe são reclamadas qualificações tão distinguidas. Sem os requisitos que a seguir iremos enumerar, sua missão jamais será cabalmente cumprida. Pois todo o seu trabalho acha-se estruturado em torno de um relacionamento amoroso e eficiente com a Igreja de Cristo.

2 – BOA REPUTAÇÃO.

Afirmou Publílio Siro que a reputação é um segundo patrimônio. Se o admirável poeta latino estivesse a reviver os passos iniciais da igreja de Cristo, certamente haveria de içar a reputação à mais alta das grandezas sociais. Pois a primeira virtude que os cristãos primitivos reclamaram dos postulantes ao diaconato foi justamente a boa reputação: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação...” (At 6.3).

2.1 – O Que é a Reputação? – Originária do vocábulo latino *reputatio*, a palavra reputação significa fama, celebridade e renome. O erudito evangélico Samuel Vila realça quão significativo é este termo: “reputação é uma das vozes mais sábias que tem a nossa língua. É a nossa fama ou crédito pessoal; é algo que se submete ao julgamento público todos os dias. Reputar, pois, é julgar repetidamente a uma pessoa ante o fórum da moral pública”.

De conformidade com o étimo da palavra, Os sete primeiros diáconos já vinham sendo observados e rigorosamente julgados tanto pelo colégio apostólico quanto pela igreja. E, nesse julgamento, foram todos eles aprovados com máximo louvor. Por conseguinte, antes de separarmos um obreiro ao diaconato, exijamos tenha ele uma boa reputação. Se não for bem conceituado diante da igreja e do ministério, que não seja aceito. E que a sua reputação seja também comprovada pela sua família e pela sociedade. O diácono haverá de ser um esposo exemplar, um pai responsável e prestimoso, um cidadão honesto e cumpridor de seus deveres. Se a sua reputação não transcender a tais limites, reprovemo-lo. De outra forma, trará somente aborrecimento à igreja, e transtornos à Obra de Deus.

2.2 – O Significado Grego da Palavra Reputação – No original, temos o vocábulo *marturoménous* que significa não somente reputação como também testemunho. Devem os diáconos, portanto, desfrutar de um inconfundível atestado público. Que todos lhe comprovem a idoneidade do caráter e a fé sábia e experimentada nas boas obras.

Você tem zelado por sua boa reputação? Como obreiros de Cristo, somos submetidos a julgamentos diários. Somos julgados em casa, na sociedade e na igreja. Até mesmo em nosso íntimo, somos nós julgados. É com base em tais julgamentos que seremos chamados a ocupar as maiores responsabilidades no Reino de Deus. Você tem um nome a zelar; cuide de sua reputação. E que não ocorra conosco o que deu com um dos personagens de Shakespeare: “reputação, reputação, reputação! Ah, perdi a reputação! Perdi o que em mim havia de imortal, e o que fica é bestial”.

3 – PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO.

“A vida do cristão começa no calvário, mas o trabalho eficiente, no pentecostes.” Lavrada pelo evangelista Stanley Jones, essa afirmativa deixou-me bastante impressionado. E só viria a comprovar-lhe a veracidade ao ser batizado no Espírito Santo em 30 de setembro de 1978. A partir desse dia, comecei a sentir-me duplamente impulsionado a entregar-me ao serviço cristão. Igualmente, conscientizei-me de que teria de preservar a unção do Espírito. De outra forma, jamais alcançaria a excelência que a palavra de Deus requer de cada um dos servos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Além de ser cheio, teria eu de continuar pleno do Espírito Santo. Não foi sem razão terem os apóstolos colocado como indispensável condição para o diaconato, o ser pleno do Espírito Santo (At 6.3).

3.1 – O Ser Cheio é o Mesmo Que Ser Batizado no Espírito Santo? – Não quero, aqui, perder-me em discussões desse binômio. Se desprezarmos nossas razões, diremos tratar-se de coisas completamente distintas. Se nos voltarmos, todavia, aos primeiros dias da igreja, constataremos: os discípulos só eram considerados cheios do Espírito somente depois de haverem passado pela experiência pentecostal (At 2.4; 10.47; 19.6). Sobre a controvérsia, pronuncia-se o Dr. George E. Ladd: “quando o Espírito Santo foi dado aos homens, os discípulos foram batizados e ao mesmo tempo cheios do Espírito Santo”. Stanley M. Horton também é bastante taxativo; não admite réplicas: “Todos os 120 presentes foram cheios, todos falaram noutras línguas, e o som das línguas foi publicamente notório”.

O saudoso pastor Estêvam Ângelo de Souza, um de nossos maiores teólogos, não faz separação entre o ser batizado no Espírito Santo: “O batismo com o Espírito Santo é um ato de Deus pelo qual o Espírito vem sobre o crente e o enche plenamente. É a vinda do Espírito Santo para encher de Deus como propriedade exclusivamente sua” Mais adiante, o pastor Estêvam refere-se aos discípulos de Cristo: “Jesus já havia soprado sobre eles, dizendo: recebi o Espírito Santo” (Jo 20.22).

Isto lhes proporcionou antecipadamente bastante gozo espiritual, pois já haviam recebido certa porção do Espírito, mas ainda precisavam ser batizados, cheios do Espírito. É muito oportuno aqui recordar o que disse Hopkins: “devemos reconhecer o fato de que ter o Espírito é uma coisa, e ficar cheio (batizado) do Espírito é bem outra”.

Diante do exposto, como entender Efésios 5.18? Leiamos a passagem: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. Como harmonizar essa recomendação de Paulo com a reivindicação feita aos sete diáconos?

Em primeiro lugar, há que se entender que, em todos os episódios de Atos dos Apóstolos, onde se menciona o “encher do Espírito”, temos um ato soberano e instantâneo de Deus. É algo que se dá de fora para dentro, de cima para baixo. Temos, aqui, pois, a efusão ou o derramamento de Espírito Santo. Ao passo que, em Efésios, deparamo-nos não com um ato, mas com um processo, ao contrário daquele, depende da vontade do crente. Se este não seguir a recomendação bíblica, e desprezar o exercício da piedade, não poderá conservar o enchimento do Espírito.

Vejamos como, no original, o verbo grego é usado em Efésios 5.18: *Allá plerousthe en pneúmati*, “mas enchei-vos do Espírito”. O verbo *plerousthe* acha-se no presente do imperativo passivo da segunda pessoa do plural. Neste caso, o tempo presente exige uma ação habitual continuada. “É como se o apóstolo Paulo estivesse recomendado aos irmãos de Éfeso: Deveis, constante e permanentemente, permitir que o Espírito Santo domine vossas vidas”. Deve o diácono, por conseguinte, não apenas ser batizado no Espírito Santo como também manter a plenitude do Espírito através do cultivo da piedade e do fruto do Espírito. É uma ordem a ser cumprida hoje por todo o crente, seja este obreiro ou não.

3.2 – A Experiência Pentecostal – Conclui-se, pois, que os diáconos têm de ser não somente batizados no Espírito Santo como se manter na plenitude do Espírito. Sua experiência haverá de ser completa; da conversão ao batismo no Espírito Santo, mais do que plena. Os pentecostais têm

se pautado por esta regra de ouro. É por isso que separamos para o ministério somente os que, além de sua comprovada conversão, já receberam o batismo no Espírito Santo, e na plenitude do Espírito, perseveraram.

Hoje, porém, não são poucas as igrejas que, alegando ser o diaconato um mero cargo local, vem consagrando a esse ofício homens que ainda não experimentaram o batismo no Espírito Santo. Isso é muito Temerário! Pois estaremos, desta maneira, abrindo um perigoso precedente nas fileiras de nossos obreiros que, desde o início da obra pentecostal, vêm pautando-se por uma vida espiritual singularmente plena. Além do mais, consideremos as dificuldades que envolvem o diaconato. Por ser um ministério que se põe na linha de frente, exige de quem o exerce um poder sobrenatural. Já pensou se Estevão ou Felipe não desfrutassem de semelhante virtude? Como se haveriam naqueles dias tão difíceis?

3.3 – Batismo ou Fruto do Espírito? – Alegam outros que, mais importante que o batismo no Espírito Santo, é o fruto do Espírito. A palavra de Deus, contudo, mostra-nos que ambos são igualmente importantes; são igualmente imprescindíveis ambos. Nenhum meio da graça pode ser tido como periférico ou acessório. Além do mais, como haveremos de cultivar o fruto se ainda não recebemos o suficiente poder? Por conseguinte, ao invés de alimentarmos tais especulações, bem faremos se incentivarmos os obreiros a buscarem, de forma zelosa, a experiência das línguas de fogo, e a cultivarem, desveladamente, o fruto do Espírito.

Se de fato somos pentecostais, vivamos no cenáculo. E levemos todos os servos de Deus a se moverem sob o poder do alto. Busquemos a plenitude do Espírito, e jamais descuidemos de seu imprescindível fruto (Gl 5.22). Não nos percamos em tolas discussões; necessitamos tanto do batismo quanto do Espírito. E o Senhor Jesus, na infinitude de suas riquezas, quer dispensar-nos ambos. Sem a plenitude do Espírito Santo, não podemos jamais levar a bom termo a missão que nos entregou o Senhor. A plenitude é o batismo pentecostal! É o fogo que nos amadurece o fruto do Espírito.

4 – SABEDORIA ESPIRITUAL.

Alguém já disse, mui apropriadamente, que este é o século do conhecimento, mas não da sabedoria. Embora tenhamos avançado tanto, em todas as áreas da tecnologia, espiritualmente pouco, ou quase nada logramos. Se para adquirir conhecimento, bastam estudo e a pesquisa, o mesmo não acontece com a sabedoria. Para se conquistá-la, demanda-se o exercício contínuo e pessoal da piedade; o temor do Senhor é o seu princípio. (Pv 1.7). De acordo com a ótica Bíblica, a sabedoria é a forma como vivemos, agimos e reagimos às circunstâncias; é o reflexo da natureza divina em nossa existência. Traduz-se a sabedoria num viver irrepreensível e santo. Esse era o tipo de sabedoria que os apóstolos esperavam encontrar nos diáconos. Não buscavam necessariamente homens letrados e cultos. Mesmo porque, como diria Chaucer, nem sempre são os mais eruditos igualmente os mais sábios.

Os diáconos, porém, não deveriam ter apenas sabedoria. Desta, eles haveriam de ser plenos. A expressão grega não deixa dúvidas: pléreis sophías. Cheios de sabedoria! É o que se impunha a cada um dos diáconos.

4.1 – O Que é a Sabedoria? - W.C Taylor explica-nos qual o seu significado no grego do Novo Testamento: “O mais elevado dom intelectual, de compreensiva intuição nos caminhos e propósitos de Deus; sabedoria prática, os dotes do coração e mente que são necessárias à conduta da vida”.

Afirma Souter que a sabedoria é “o variado conhecimento das coisas humanas e divinas adquirido pela agudez e experiência, e resumido em máximas e provérbios; perícia na direção de afazeres; prudência nas relações com homens incrédulos; discrição e aptidão em ensinar a verdade; o conhecimento e a prática dos requisitos de uma vida reta e piedosa; conhecimento do plano divino, outrora velado, de prover a salvação para os homens pela morte expiatória de Cristo”.

Por conseguinte, a sabedoria que as Sagradas Escrituras estão a exigir dos diáconos não é a cultura livresca e acadêmica. É a experiência que nos advém de uma vida de íntima comunhão com o Senhor. É a capacidade de agir como servo de Deus num mundo corrompido e corruptor. É a desenvoltura que só os homens superiores possuem de resolver problemas sem se deixar arrastar pelas circunstâncias. Cheio dessa sabedoria haverá o diácono de servir eficazmente a Igreja de Cristo.

4.2 – Como se Adquire Semelhante Sabedoria – Como já o dissemos, a sabedoria espiritual não é adquirida nos livros comuns ou nas universidades. É algo que nos vem diretamente de Deus. Conheço homens cultíssimos que, em nada, se diferenciam dos tolos. Ostentam muita informação. Por outro lado, não podemos desprezar aqueles que, apesar de serem contados com os indoutos, são portadores daquela sabedoria tão louvada por Salomão em seus Provérbios. Não eram assim os apóstolos? E os primeiros diáconos? Também não eram assim? Vejamos como se adquire a verdadeira sabedoria:

a) **Lendo a bíblia diariamente** - Quanto não temos de aprender dos profetas e apóstolos! Foram estes sábios divinamente inspirados a espargir luz onde só havia trevas. E todas as vezes que, com eles nos privamos, tornamo-nos mais sábios.

Os Provérbios de Salomão, por exemplo, foram especialmente escritos para dar-nos sabedoria: “Aprende, ó simples, a prudência; entende, ó loucos, a sabedoria” (Pv 8.5). O evangelista Billy Graham costuma ler esse livro todos os meses. Diz ele ser esta eficiente forma de se evitar os equívocos diários. Como Provérbios têm 31 capítulos, há uma orientação específica para cada dia do mês. Se hoje é dia primeiro, leiamos o capítulo um do livro. E assim, sucessivamente. Os diáconos fariam muito bem se o estudassem regularmente. Evitariam assim os muitos problemas e desgostos que juncam o exercício do ministério.

É claro que não devemos limitar-nos aos provérbios. Afinal, deixou-nos o Senhor uma riquíssima biblioteca que vai do Gênesis ao Apocalipse; um altíssimo e sublimado caminho que peregrina das campinas do Jordão à celeste Jerusalém. Leiamos a Bíblia toda regularmente, sistematicamente, devocionalmente. Verificaremos o quanto aumentará nossa sabedoria cotidiana.

b) **Orando e chorando** - Ao ler o Peregrino de Jonh Bunyan, deparei-me de imediato com aquele singular personagem que, ao encetar sua árdua e longa jornada, pôs-se a orar e a chorar. Quanta necessidade nós temos de obreiros que orem e chorem aos pés de Cristo! Faz bem o diácono que se dedica diariamente à oração. É um exercício que requer perseverança e constância. Quanto mais buscar a Deus, mais municiado sentir-se-á. E, com o passar dos tempos, haverá você de constatar que o seu ministério será de tal forma honrado, que, naturalmente (ou sobrenaturalmente?), estará a realizar outras tarefas ao seu Senhor? Haja vista o que aconteceu a Estevão e a Filipe.

c) **Cultivando o temor a Deus** - A bíblia é muito clara: o princípio da sabedoria é o temor a Deus (Pv 1.17). Esse temor, que pode ser interpretado como a mais profunda e singular reverência ao Todo Poderoso, força-nos a cultivar uma vida de intensa piedade. A partir daí, tudo faremos para jamais desagradar ao Único e Verdadeiro Deus. Assim não agiam os Santos do Antigo Testamento? Os santos do Testamento novo não agiam assim? Por que agiremos de outro modo? A ordem bíblica é clara; não admite tergiversação: “Temei a Deus, e dai-lhe glória” (Ap 14.7). Um diácono temente a Deus jamais ofenderá ao seu Senhor. Mas tudo fará por honrá-lo e reverenciá-lo.

d) **Observando todas as coisas** - Afirmou Salomão que, na busca da sabedoria, procurou tudo observar atentamente: “E apliquei o meu coração a inquirir e a investigar com sabedoria a respeito de tudo quanto se faz debaixo do céu; essa enfadonha ocupação deu Deus aos filhos dos

homens para nela se exercitarem. Atentei para as obras que se e fazem debaixo do sol; e eis que tudo era vaidade e desejo vão” (Ec 1.13,14). Dessa maneira, tornou-se ele no mais sábio dos homens.

Que os nossos diáconos dediquem-se a este mister. Sendo eles atentos observadores, jamais cometerão injustiças nem se colocarão como pedras de tropeço na casa de Deus. O sábio é aquele que observa, considera e só depois age. Que os nossos diáconos sejam em tudo sábios e ponderadíssimos obreiros.

5 – HONESTIDADE.

Depois de haver discorrido acerca dos requisitos ao episcopado, Paulo põe-se a considerar o ofício diaconal. Pelas expressões que usa, tinha ele os diáconos em elevada consideração. Destes, exige o apóstolo promovidas qualificações: “Da mesma sorte os diáconos” (Tm 1.8). No original, tal expressão é mui significativa: *Diakónous bosaútos*. O vocábulo *bosaútos* equivale a de igual modo, da mesma maneira. Wilbur B. Wallis lembra que “o pensamento principal parece ser que deveria haver o mesmo tipo de grau de dons e qualificações para os diáconos, segundo o padrão dos anciãos”.

Devem os diáconos, portanto, ser tão qualificados quanto os Bispos. E um de seus requisitos mais básicos é a honestidade. O apóstolo prescreve: “Da mesma sorte os diáconos sejam honestos” (Tm 3.8).

5.1 – O Que é a Honestidade? - Probidade, decência e decoro. É a qualidade de quem é íntegro e digno. A palavra grega para honestidade é *semnótes*: seriedade, honradez, respeito. Barret é de opinião que esse versículo pode ser assim traduzido: “Da mesma forma sejam os diáconos homens de princípios elevados”.

5.2 – A Razão da Honestidade - Em virtude de suas obrigações administrativas, o diácono tem de se mostrar incorruptível. É ele quem estará a lidar com os tesouros santos. Em muitas igrejas, além de recolher os dízimos e ofertas, estará também administrando os recursos captados aos homens, mulheres, jovens e crianças que vêm ao santuário adorar ao Criador com suas fazendas e haveres. Caso não seja honesto, agirá o diácono como Judas: lançará mão de quanto se deposita na bolsa do Cristo (Jo 12.6).

A honestidade também é sinônimo de seriedade. Como estará o diácono a tratar com o povo, é imperativo inspire ele respeito. Como seria lamentável se as senhoras o evitassem por causa de sua postura lasciva! Na casa de Deus, tem o diácono um elevado papel a representar: é o guardião do santuário. À semelhança dos levitas, deve dispensar um cuidado singularíssimo aos santos. A honestidade é um de nossos maiores legados. Que jamais percamos. Se dela abrirmos mão o que nos restará? Pergunta o romancista inglês Jonh Lyli do século XVI.

6 – NÃO DE LÍNGUA DOBRE.

O portador desse aleijão moral, não pode ser depositário de confiança alguma. É alguém que não consegue manter a própria palavra; jamais serve como testemunha. Tem sempre duas palavras. Uma para cada ocasião. Versões? Muitas! Depende da circunstância. Ele é falso, caluniador, peçonhento. Vive para difamar e difama para viver. Está sempre pronto a trair os melhores amigos, e a semear inimizades entre os companheiros.

Terá ele, por ventura, algum companheiro ou amigo? Por força das reivindicações diaconais, terão os candidatos uma só palavra. O seu dizer será: sim, sim e não, não. O que disto passar virá certamente do maligno.

A proibidade no falar é-lhes imprescindível. Depurar-se-ão com situações, onde terão de prestar fiéis testemunhos e depoimentos confiáveis. Nenhuma duplicidade será admitida; não será consentido nenhum resquício de dubiedade. Nenhuma ambiguidade ou meias verdades. Deverá o diácono sustentar a sua palavra em todas as instâncias custe o que custar.

No original, a expressão língua dobre é mui significativa. Dilógous significa língua-dupla. O que detém semelhante deformidade moral dá a um mesmo fato as mais variadas versões. Pouco lhe importa se a honradez do próximo será ou não comprometida. O homem de língua dobre, de acordo com o grego, é também o fofoqueiro. É aquele que não sabe guardar segredo; está sempre presto a arruinar a reputação alheia.

É uma tragédia para o povo de Deus o diácono de língua dobre. Compromete o seu pastor e a honradez de cada uma das ovelhas. Vê coisas que jamais existiram; fala daquilo que nunca houve. Inventava fantasia e está sempre a mentir. Pouco lhe importa se vidas forem enlameadas, ou lares, destruídos. O que mais lhe importa é falar o que não convém, o que não é, e o que jamais será.

O bom diácono é discreto; sabe guardar segredo. Possui ele o suficiente despacho para resolver as mais embaraçosas situações sem comprometer o caráter de seus conservos. Ele tem uma só palavra; não se preocupa em ser politicamente correto conquanto seja justo, fiel e leal.

7 – ABSTINÊNCIA ÀS BEBIDAS ALCOÓLICAS.

Afinal, é lícito ao crente ingerir álcool? Se lermos as sagradas escrituras, deparar-nos-emos com homens e mulheres piedosos que o beberam. Todavia, há que se responder outra pergunta: é conveniente? Responde Paulo: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” (1 Co 6.12). Entre a licitude e a conveniência, optemos por esta; aquela acarreta-nos, não raro, dificuldades e amargores. Era lícito a Noé beber do fruto da vide? Certamente, mas descobriu-se inconvenientemente em sua tenda (Gn 9.20-29). E as filhas de Ló? Era-lhes lícito dar vinho ao pai? Só que um abismo chamou outro abismo, até que o incesto para sempre manchou a família desse patriarca (Gn 19.30-38). Como diria Salomão, o vinho de tudo; jamais se farta de escarnecer.

Conscientizemo-nos de que o Senhor Jesus nos chamou para sermos uma sociedade de temperança. Por isso, temos de optar pela conveniência, e da licitude, em outros casos, abrir mão. Se bebermos moderadamente estaremos pecando? Todavia, bem faremos se, das bebidas fortes, nos abstermos. Pois não são poucos os que se contaminaram com o álcool.

Levavam os recabitas tão a sério as recomendações divinas e as tradições paternas, que vieram até a renunciar os mais legítimos direitos. Num momento particularmente difícil em Judá, quando os filhos de Abraão quebrantavam abertamente a lei de Moisés, ignoravam sua cultura e os mais santos legados, os descendentes de Recabe aferraram-se ainda mais ao seu companheiro. Instados a tomar vinho, redarguíram: “Não beberemos vinho, porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos mandou, dizendo: nunca bebereis vinho, nem nós nem vossos filhos” (Jr 35.6).

Se devemos pautar-nos como sociedade de temperança, como encarar a presente recomendação de Paulo? Claramente recomenda o apóstolo que os diáconos não sejam dados a muito vinho (1Tm 3.8). Como nos haveremos diante dessa aparente contradição? Em primeiro lugar, entendamos o contexto cultural em que a epístola foi escrita. Tanto a sociedade grega quanto a hebréia encaravam com naturalidade o vinho; tinham-no como bênção dos céus. Eurípedes chegou a afirmar que, onde não há vinho não existe amor. Todavia com o aprimoramento consuetudinário da igreja, foi esta assumindo sua vocação como agência de temperança. Até que, em Efésios, recomenda o apóstolo: “E não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do espírito” (Ef 5.18).

Já em Timóteo, Paulo é ainda mais explícito. Segundo deixa bem patente, o candidato ao ministério pastoral não pode ser dado ao vinho (1Tm 3.3). Com respeito aos diáconos, parece haver certa tolerância. A expressão grega é piedosamente esclarecedora: *me oino pollo proséchontas*. A idéia no original retrata alguém com a mente voltada para o vinho; não pode livrar-se dessa obsessão. É alguém dominado pelas bebidas fortes. Por conseguinte, como pode um diácono, nessas condições servir a obra de Deus e zelar pelo bem estar dos santos? Como pode ser um ministro se não ministra o próprio ser? Ainda que haja nessa recomendação paulina uma aparente abertura para beber moderadamente, a experiência alerta-nos: a abstinência ainda é

o melhor caminho. Willbur B. Wallis é categórico: “O testemunho da Bíblia é consistentemente contra o uso da bebida forte. A aplicação prática do princípio na sociedade moderna é de total abstinência”.

Que os diáconos sejam comedidos. Ou melhor, que primem eles pela abstenia. Se não beberem, estarão livres de cometer aqueles pequenos desatinos e lapsos que tanto mancham o homem de Deus. Sejamos mais explícitos: que jamais se dêem ao vinho; o exercício do seu ofício exige em tudo sobriedade. Estejam sempre atentos às reivindicações de seu ministério; não se deixem levar pela alegria fútil e irresponsável das bebidas fortes. O exemplo de Noé é uma seriíssima advertência. Embora piedoso, expôs-se vergonhosamente; trouxe a maldição sobre a família. Maldição esta que, ainda hoje, vem desafinando o concerto das nações do Médio Oriente.

8 – INCORRUPÇÃO E INTEGRIDADE.

Como esquecer a Balaão? Este profeta bem que poderia haver entrado para história sagrada com as honras do ministério Melquisedeque, ou com as deferências do avisado e sábio Jetro. Ambos, estrangeiros e gentios como ele.

Desventuradamente, Balaão não buscou sublimar tal privilégio. Deixou-se induzir pelo prêmio da corrupção. Corrupto e corruptor viveu para corromper, e, corrompido, pereceu ele. Balaão era típico cobiçoso de torpe ganância. Vendeu-se para amaldiçoar e fazer tropeçar a Israel (Nm 22.1-7). E como foi lutuoso o seu fim! Nas sagradas escrituras, Balaão é visto também como o inaugurador de um caminho maldoso e de uma doutrina que, por pouco, não destrói a Israel (2 Pe 2.15; Ap 2.14). Até onde conduz a torpe ganância, o que começou em maldição, termina em heresias e em gravíssimos pecados. A torpe ganância, pelo que depreendemos das escrituras apostólicas, também levou um diácono a cometer os mesmos desatinos de Balaão. Refiro-me a Nicolau (At 6.5). Se de fato foi este o famigerado heresiarca da Ásia Menor, temos aqui o Balaão do Novo Testamento. A obra de sua seita tornou-se de tal forma repugnante, que Jesus por pouco não antecipou o dia da ira (Ap 2.6).

Esse heresiarca, como todos os demais, permitira-se embriagar pela usura. E de tudo cobiçando, não lhe foi difícil urdir suas apostasias, e já tudo deturpando e tudo corrompendo, acabou-se também por corromper-se até o inferno. Grande desgraça ele operou no seio da igreja Primitiva.

Não é sem razão que Paulo exige o diácono despojado da torpe ganância: “Não cobiçosos de torpe ganância” (1Tm 3.8). No Grego: mé aischokerdeis. A expressão pode ser entendida também como: não amante do lucro, não mercenário.

Por que não podem os diáconos ser gananciosos? Em primeiro lugar, exige-se tenha o homem de Deus uma postura íntegra e santa. Ele tem de ser, no mínimo, incorruptível. Pois estará a lidar com os bens econômicos e financeiros da igreja. Se incorrupto e reto, jamais cairá em torpes ganâncias. Saberá como encaminhar devidamente as ofertas e os dízimos dos fiéis. Não são poucos, desgraçadamente, os que têm desviado dinheiro do tesouro sagrado. É um abismo que sempre acaba por atrair outros abismos.

Que o diácono administre correta, sábia e piedosamente os próprios bens. Se for ávaro, não haverá de permitir sejam os recursos dos santos empregados em favor dos necessitados. Querera tudo para si. Não fazia assim o Iscariotes? Tecnicamente, foi Judas o primeiro diácono. E que péssimo diácono foi ele. Amou tanto o dinheiro, que pelo dinheiro foi arruinado. A única coisa que logrou com tudo o que roubara foi a própria sepultura (At 1.18.19).

9 – A OBSERVÂNCIA DO MINISTÉRIO DA FÉ NUMA CONSCIÊNCIA PURA.

Além das qualidades morais e sociais, exige-se seja o diácono sã na fé. Que viva de conformidade com as Sagradas Escrituras, e as tenha como única regra de fé e prática. Que sustente a sã doutrina, e não evidencie quaisquer desvios no que tange à ortodoxia.

Estejamos atentos a recomendação de Paulo: “Guardando o ministério da fé em uma pura consciência” (1Tm 3.9). O que deseja o apóstolo aprendamos aqui? Que só poderemos nos

qualificarmos como guardiões dos ministérios da fé se pura estiver nossa consciência. Requer-se, pois, do diácono obediência ativa e reverente. De outra forma, cairá na tentação do diabo; e não demora muito, eis mais um heresiarca egresso das fileiras diaconais. Somente uma consciência purificada pelo sangue de Jesus pode debelar a virulência da heresia. Por conseguinte, é inadmissível um diácono que, embora social e moralmente correto, ostente aleijões doutrinários. Tem de ser ele um expoente incorruptível da Palavra de Deus. Haja vista Estevão. Diante do sinédrio, expôs este com tanta maestria a história da salvação, que deixou a todos assombrados (At 7). Seu discurso é o pronunciamento de uma autoridade incontestável das Sagradas Escrituras. E Filipe? Não se revelaria ele um abalizado evangelista?

O plano da salvação que expôs ao eunuco de Candace foi tão eficaz, que levou o etíope a converter-se radicalmente ao Senhor Jesus (At 8.26-40). Se Estevão e Filipe destacaram-se pela correção doutrinária, o mesmo não aconteceria a Nicolau. Foi este um escândalo para a igreja de Cristo. Não demorou muito, e já estava revelando suas deformidades doutrinárias e comportamentais. A muitos corrompeu; e, da verdade desviou várias igrejas. No próximo capítulo, quando estivermos a discorrer sobre a prova dos diáconos, veremos como aferir a sua pureza doutrinária. Por enquanto, que estes conselhos sejam piedosamente observados:

a) Leitura diária da bíblia - Deve o diácono ser um assíduo leitor das Escrituras Sagradas, quanto mais estudar a Bíblia, mais livre estará de cair em heresias e enganos. A recomendação de Paulo é mui taxativa: “persiste em ler” (1Tm 4.13).

b) Estudo sistemático da Bíblia - Além do estudo diário e devocional das Sagradas Escrituras, deve o diácono também estudar sistematicamente a Palavra de Deus. Fazia bem o diácono se cursar um seminário que zele pela ortodoxia. Em suma: primando pelo estudo sistemático e sempre piedoso da Bíblia, o diácono jamais se contaminará com os engodos doutrinários, pois estará a guardar o ministério da fé numa pura consciência.

10 – FIDELIDADE CONJUGAL.

A vida conjugal do diácono tem de ser um exemplo. Atenhamo-nos à recomendação do apóstolo: “sejam maridos de uma mulher” (1Tm 3.12). O que sejam Paulo aqui demanda é que o candidato ao ofício diaconal tenha uma vida conjugal sem embaraços ou equívocos. Nada deve prendê-lo ao passado; todos os seus problemas sentimentais têm de estar resolvidos. Nada de casos pretérito nem episódios que estejam a reclamar explicações e desdobramentos.

O seu comportamento em relação às mulheres deve evidenciar um homem comprovadamente de Deus. Com jovens seja um irmão mais velho respeitador e cortês. Com as mais idosas, um filho querido e solícito. Com as crianças um pai cuidadoso e atento. Se não se contiver com o sexo oposto, seja vetada sua indicação ao diaconato. O diácono tem de ser fiel à esposa. E que jamais se dê aos namoricos fortes.

11 – A EDUCAÇÃO E O GOVERNO DOS FILHOS.

A advertência de Paulo não admite evasivas: “e governem bem seus filhos” (1Tm 3.12). Busquemos a expressão no grego: téknōn kalōs proistámenoi. O verbo proístemi, aqui na primeira pessoa do indicativo singular, é riquíssimo em acepções. Etimologicamente, significa: tomo posição em frente, assumo a direção, a liderança e o governo. Significa também: sou cuidadoso, sou atencioso, e aplico-me aos meus deveres.

Da expressão paulina, somos instados a concluir: o pai cristão não é um mero educador; é antes de tudo o administrador de seus filhos. Nessa condição, tudo fará a fim de que estes sejam bem sucedidos tanto diante de Deus quanto diante dos homens. Não foi educado assim o menino Samuel. E, nessa tarefa, a disciplina é de fundamental importância.

Se há um obreiro que necessita trazer os filhos sob disciplina, é o diácono. Pela natureza mesma de seu cargo, seus filhos têm de ser um consumado exemplo de vida cristã. Isto não significa, porém, que estes devam abdicar da infância e das coisas próprias de sua idade. De outra forma, deveriam eles nascer já adultos. Haja vista o que Paulo confessa aos coríntios:

“Quando menino, falava como menino e, como menino, agia. Mas chegando a maturidade, já se comportava como adulto e, como adulto, já discorria” (1Co 13.11).

Se por um lado, não podemos violentar a pueril natureza de nossos filhos; por outro, não devemos deixá-los entregues à própria vontade. Em seus Provérbios, exorta-nos Salomão a educar a criança no caminho em que deve andar porque, mesmo grande, jamais apartar-se-á dele (Pv 22.6). Isso significa que, mesmo disciplinada, uma criança jamais deixará de ser criança feliz, educada e bem orientada quanto ao futuro.

Faça o culto doméstico todos os dias. Ore com os seus filhos; leia a Bíblia com eles. Ouça-os em seus dilemas. Admoeste-os na Palavra. Leve-os à Escola Dominical. Procure saber quem são os seus amigos e colegas. Interrogue-os acerca de seus lazeres. Na Casa de Deus, que eles se portem com decência e profundo temor. Crianças, adolescentes ou jovens, podem os nossos filhos ter uma postura reconhecidamente cristã, e nem por isso deixarão de ser eles mesmos.

Que exemplo maravilhoso viu Paulo na casa de Filipe! Em sua viagem a Jerusalém, visitou Paulo a esse antigo diácono, e ficou impressionado pela maneira como, agora evangelista, dirigia o lar. Tinha quatro filhas virgens, e todas elas profetizavam (At 21.9). Se conseguirmos ordenar assim o nosso lar, que maravilha não haverá de ser.

12 – O GOVERNO EFICIENTE DA CASA.

Governar a casa não é somente trazer os filhos sob disciplina nem manter perfeita sintonia com a esposa. É gerir os negócios do lar de tal forma que este venha a funcionar produtiva e eficazmente. Aliás, a palavra economia tem uma etimologia bastante interessante. Ela é formada por dois vocábulos gregos: oikos, casa e nomos, lei. Se fosse necessário, daríamos a esta palavra a seguinte definição: conjunto das leis que regulam o funcionamento da casa, com o objetivo de suprir-lhe todas as necessidades, e equilibrar suas receitas e despesas. Talvez tivesse Paulo este vocábulo em mente ao recomendar: “que governem[...] bem a sua casa” (1Tm 3.12). em grego: proistámenoi kai ton idíon oikon.

Governar bem a casa implica em contemplar-lhe e suprir-lhe todas as carências e demandas; saldar-lhes os compromissos; fazer com que as rendas da família sejam bem empregadas. Governar bem a casa implica em equilibrar-lhe as receitas e as despesas. Afinal, terá o diácono de, em algumas igrejas, administrar os bens materiais destas. Se não tem ele o governo de sua casa, como haverá de gerir a casa de Deus? Se não sabe lidar com o próprio dinheiro, como lidará com o dinheiro dos santos? Que esta pergunta seja respondida com sinceridade por todos os diáconos.

13 – CONCLUSÃO.

Reúne você as condições necessárias para o diaconato? Como está a sua reputação? O seu testemunho condiz com sua vida? Vive você na plenitude do Espírito Santo? Como estão as qualificações que Deus lhe requer?

Enquanto fazemos uma pausa no estudo desta apostila, responda com toda sinceridade e essas perguntas. Se alguma falha você descobrir em sua vida, recorra imediatamente ao Senhor. Não seja condescendente com os próprios pecados. Através da Bíblia Sagrada, busque o ideal do homem de Deus: a perfeição de Cristo Jesus. Afinal, nosso caminho tem de ser como a luz da aurora: haverá de brilhar e brilhar até se fazer perfeito dia,

Não se conforme jamais com sua condição, exalte sempre Cristo em sua vida pessoal e íntima, em seu ministério e no amor que você devota a Deus e aos santos.

CAPÍTULO III

COMO SE VIR A SANTA CEIA

1 – O QUE É A SANTA CEIA?

É a Santa Ceia a cerimônia mais solene da igreja. Durante a sua celebração, relembramos as duas principais doutrinas do Novo Testamento: a encarnação e a morte vicária do Senhor Jesus. Ato contínuo, nós somos alertados quanto à proximidade da volta de Senhor.

A Santa Ceia, pois, é tanto um memorial quanto uma profecia. Dos sofrimentos e morte de Cristo, um memorial (1Co 11.26); de sua segunda vinda, uma vívida profecia (1Co 11.26). É uma ordenança que todos devemos observar “até que Ele venha”.

Consistindo na distribuição do pão e do vinho, a Ceia do Senhor evidencia-nos já sermos nós participantes da natureza divina do Redentor (2Pe 1.4). É por isso que a Santa Ceia é conhecida como comunhão entre o crente e o Senhor Jesus, e entre o crente e sua congregação. O pão simboliza o corpo do Senhor Jesus que foi partido por nós; o cálice, o seu precioso sangue que no calvário foi vertido a fim de que sejamos purificados de todo o pecado 1Jo 1.7.

2 – MANTENDO A SOLENIDADE DA SANTA CEIA.

Do capítulo 11 da Epístola de Paulo aos Coríntios, depreende-se que a igreja localizada nessa importante cidade grega, quase nenhuma importância emprestava à Ceia do Senhor. Pois quando os irmãos se reuniam a fim de participarem do pão e do cálice, faziam-no para a própria condenação. Enquanto empanzinavam-se uns e até embriagavam, outros passavam fome. O que deveria ser uma festa espiritual degenerara-se; não passava agora de um ajuntamento tonificado pela carnalidade.

Diante de tais abusos, vemo-nos constrangidos a perguntar: Não havia diáconos em Corinto? Se os havia, eram bem orientados pelos pastores? Isto porque, todo o diácono bem orientado tem como princípio zelar pelo caráter solene da Santa Ceia a fim de que esta não perca a sua finalidade: manter a comunhão entre o crente e o Senhor. Entre o crente e a igreja.

3 – CUIDADOS QUE O DIÁCONO DEVE TER DURANTE A CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA.

Sendo a Santa Ceia a mais solene reunião da igreja, deve o diácono atentar às seguintes recomendações:

- a) Observe, antes de mais nada, se o templo está limpo, e os bancos, alinhados. Qualquer modificação no arranjo do mobiliário deve ser feita antes do início da Ceia;
- b) Certifique-se de que a mesa da Santa Ceia esteja devidamente preparada;
- c) Verifique se os elementos (o pão e o suco de uva) foram providenciados. Não deixe faltar. Procure saber com antecedência se, no dia da Ceia, haverá alguma igreja visitante. Em caso positivo, faça uma provisão extra;
- d) Constate se as vasilhas e utensílios a serem utilizados estão limpos;
- e) Antes da celebração da ceia, busque saber, junto ao seu pastor, se há alguma recomendação especial;
- f) Se você for o chefe dos diáconos, reúna-se com seus pares, e transmita-lhes as últimas instruções. Lembre-se: o diaconato é um trabalho em equipe, requer-se, pois, de cada diácono, entrosamento, disciplina e espírito de cooperação;
- g) Assegure-se de que toda a igreja esteja devidamente acomodada;
- h) Não permita que as crianças circulem no santuário. Mantenha-as num lugar seguro, arejado e tranqüilo e que sejam vigiadas por um adulto responsável;
- i) Esteja certo de que, durante o ato, nenhum estranho imiscua-se no templo. Tratando-se de visitantes de outras igrejas e denominações, identifique-os para que eles também usufruam da comunhão. No que tange aos incrédulos, que estes sejam alertados quanto à exclusividade da

cerimônia. Não é recomendável a permanência de pessoas com trajes indecorosos durante a celebração da Ceia do Senhor. De forma cortês, mas firme, explique-lhes as normas observadas no lugar;

j) Dê toda a assistência ao celebrante a fim que este, no transcorrer do ato, não venha a sentir-se isolado ou estressado. Esteja sempre atento; ao menor sinal de seu pastor ou do celebrante, apresente-se; e

l) Conscientize-se de sua responsabilidade. Você verá que, com sua ajuda e prontidão, a Santa Ceia alcançará seu principal objetivo: edificar o povo de Deus e guindá-lo às regiões celestiais.

4 – O CUIDADO COM A VESTIMENTA DO DIÁCONO.

Durante a Santa Ceia, estará o diácono envergando uma roupa sóbria e que reflita a sua condição de oficial da igreja e auxiliar direto do pastor. Evitar-se-á as cores fortes e espalhafatosas. Que nada desvie a atenção dos presentes; que todos se concentrem na importância espiritual do que se está celebrando.

Não é necessário dizer que a roupa do diácono deverá estar limpa e passada. Recomenda-se que, durante o partir do pão estejam os diáconos com os paletós fechados (caso estejam de paletó) a fim que suas gravatas não toquem os elementos da Santa Ceia. Se não estiverem de paletó, que usem um prendedor adequado. Evitar-se-á também que a gravata fique roçando as pessoas.

5 – ASSEIO PESSOAL.

Que o diácono também esteja atento para o asseio pessoal durante a celebração da Ceia do Senhor. Embora não estejamos no Antigo Testamento, faríamos bem se atentássemos ao cuidado que tinham os levitas com o próprio corpo. Observemos, pois, estas recomendações:

a) Não somente os diáconos, mas os crentes de uma forma geral, devemos, sempre que formos à casa de Deus, tomar banho e arrumar-nos com esmero, afinal, estaremos nos dirigindo ao lugar mais importante desta terra;

b) Mantenha as unhas sempre cortadas e limpas. Lembre-se: você estará a manusear os utensílios sobre os quais se encontram os elementos da Ceia. A higiene das mãos, pois, é um requisito indispensável. Não use perfume; podem impregnar as vasilhas e os elementos a serem distribuídos;

c) Evite desodorantes e fragrâncias fortes, pois poderá provocar reação alérgica nas pessoas;

d) Esteja sempre barbeado para não passar a impressão de descaso com a cerimônia ou até mesmo estar sem banho; e

e) Se estiver resfriado, não sirva a Ceia.

Observe todos esses cuidados, seja um exemplo também no asseio pessoal, principalmente quando estiver assistindo a mais solene das reuniões da igreja.

6 – A PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS.

Tem o diácono a responsabilidade de preparar com antecedência os elementos da Santa Ceia: o pão e o suco de uva. Nada mais desagradável chegar à hora da Ceia, e verificar que os elementos não foram ainda providenciados. Em alguma igreja, o pão é confeccionado pelas irmãs. Nesse caso, entre em contato com estas, e certifique-se de que esteja tudo em ordem. O suco de uva deve ser novo; nada de utilizar o que restou da ceia passada. Verifique sempre a validade dos produtos a serem utilizados.

Atenção às vasilhas! Estejam estas sempre limpas. Acondicione-as num lugar apropriado. Tratemos as coisas de Deus com esmero e cuidado.

7 – A DISTRIBUIÇÃO DO PÃO E DO CÁLICE.

Já com as mãos devidamente lavadas, aproximar-se-á o diácono do púlpito, ou da mesa da Santa Ceia, e receberá do pastor a bandeja com o pão. Nas igrejas onde são necessários vários diáconos para distribuir o primeiro elemento da Ceia, recomenda-se que o responsável dos

diáconos indique aos seus pares onde devem estes distribuir o pão. Evitar-se-á assim que, numa fileira de bancos, haja diáconos em demasia, e noutra, falta.

Eis alguns cuidados que devemos observar na distribuição dos elementos da Ceia:

- a) Já de posse da bandeja do pão, evite cantar em cima dos elementos por razões óbvias;
- b) Aproximando-se de alguém para servir o pão, recite-lhe, de forma solene: “em memória do corpo do Senhor”;
- c) Havendo três ou quatro pedaços de pão na bandeja, volte ao púlpito, ou à mesa da Ceia, e pegue mais elemento. Em seguida, retorne a distribuição a partir do ponto interrompido. Se por acaso alguém deixar o pão cair, pegue-o, envolva-o num guardanapo, leve-o de volta à mesa da Ceia e entregue ao celebrante;
- d) O que acima dissermos sobre a distribuição do pão, também vale quanto à do cálice. Neste caso específico, deve-se tomar especial cuidado para que a bandeja do cálice não entorne. Mas se isso acontecer, e o suco cair no chão, absorva-o num guardanapo; e
- e) Se sua igreja utiliza-se do chamado cálice único, não deixe de limpar a borda do recipiente com um guardanapo antes de passá-lo de uma pessoa para outra, tendo o cuidado de usar todos os lados do guardanapo para evitar que este se encharque. Não deixe que o cálice esvazie-se; volte sempre que necessário ao púlpito para enchê-lo.

8 – CUIDADOS POSTERIORES.

Servidos o pão e o cálice, certifique-se de que as bandejas sejam recolhidas, e que as sobras dos elementos estejam bem acondicionadas. Cada igreja tem um modo próprio de lidar com as sobras da Santa Ceia. O ideal é que sejam usados o pão e o vinho na medida certa de maneira que nada venha a faltar ou a sobrar.

O bom diácono estará também atento a esses detalhes. Que todas as coisas saiam a contento, e que nada comprometa a solenidade da Ceia do Senhor.

9 – CONCLUSÃO.

Servir a Santa Ceia é uma elevadíssima honra. Em sua celebração, participamos ativamente da execução da segunda ordenança da igreja, empenhemo-nos, pois, nesse importante negócio! Busquemos ser um obreiro zeloso em todos os detalhes.

Mas para que isso ocorra, a sua participação, diácono, é fundamental. Esmere-se em seu ministério; não se desleixe quanto aos ofícios. Á semelhança dos levitas do Antigo testamento, trate as coisas de Deus com o cuidado que estas requerem. No caso específico da Santa Ceia, lembre-se: estamos a tratar da mais importante solenidade da igreja de Cristo.

CAPÍTULO IV

COMO RECOLHER OFERTAS

1 – O ESPÍRITO DO DIÁCONO NO ATO DA CONTRIBUIÇÃO.

No momento de se recolher os dízimos e as ofertas, o diácono deverá estar cômico de que está desempenhando uma função nobilíssima. Estará recebendo os haveres que os santos consagraram ao Senhor, haveres que já são dons, dons que já são sacrifícios de paz ao Criador e Mantenedor de todas as coisas.

O diácono deverá se portar de maneira reverente e santa, nada de brincadeiras nem inconveniências. Deverá estar preparado às mais diversas situações: pessoas que não poderão contribuir, outras que não quererão contribuir e outras que ignoram a importância do contribuir.

Recolha as ofertas orando em espírito, agradecendo a Deus pelo privilégio, pois você estará arrecadando recursos que serão utilizados para expandir a obra missionária, incrementar o evangelismo e para que não falte mantimento na casa de Deus. Encare o recolhimento de ofertas como um ato de adoração. É um momento de ações de graças, no qual os santos reafirmam o seu compromisso com o Senhor Jesus. Não é um ato mercantilista e você não está num estabelecimento comercial nem em uma agência bancária, mas sim no santuário do Deus Vivo, onde os santos estarão consagrando ao Senhor o fruto de seu labor, por isso aja com redobrado temor e tremor.

Você dirá a cada irmão de quem receber a oferta: “Que Deus o abençoe!” ou “Que Deus lhe multiplique os bens!”. Lembra-se da maneira como Melquisedeque acolheu os dízimos que o patriarca Abraão lhe santificara? Não se deu ali um soleníssimo culto? (Gn 14.18-24). Que o mesmo culto se dê todas as vezes que nos reunirmos para louvar a Deus com os nossos dízimos e ofertas alçadas.

2 – COMO SE DEVE RECOLHER AS OFERTAS.

Depois de haver atuado vários anos como diácono e após ouvir experimentados pastores, conclui-se ser esta a melhor forma de se proceder por ocasião da coleta das ofertas:

- a) Não constranja ninguém a contribuir. Ao passar por uma pessoa e verificar que esta não se acha com a oferta na mão, não insista, desvie discretamente a salva e ore para que essa pessoa tenha condições de contribuir da próxima vez;
- b) Se o banco for muito grande, recolha as ofertas juntamente com outro diácono. Evite passar por entre as pernas dos irmãos (principalmente das moças e senhoras), afinal uma das características do diácono é a cortesia e o cavalheirismo;
- c) O ideal é que se comece a recolher as ofertas a partir da porta central do santuário em direção ao púlpito;
- d) Nas igrejas que se usa envelopes ou cestas, ficar um diácono de cada lado, de fileira em fileira sempre abençoando o povo com os dizeres que lemos no capítulo anterior;
- e) Depois de recolherem as ofertas, sigam imediatamente para a tesouraria (todos os diáconos juntos), sem parar pelo caminho e entregue as ofertas na tesouraria; e
- f) Caso os diáconos também sejam encarregados da contagem das ofertas, que esta tarefa seja feita por pelo menos dois ou três, a fim de que nenhuma suspeição seja levantada contra os servidores da igreja.

3 – CUIDADOS A SEREM OBSERVADOS.

Durante o recolhimento das ofertas, os diáconos devem estar atentos a fim de que nenhum mau elemento aproveite-se da ocasião para roubar o povo de Deus. Que estas recomendações sejam seriamente consideradas:

- a) enquanto uma parte do diaconato estiver recolhendo as ofertas, a outra permanecerá de vigia em cada porta e corredor. Isto evitará surpresas desagradáveis; e

b) No momento em que a oferta estiver sendo levada à tesouraria, o cortejo dos diáconos deve ser devidamente reforçado.

4 – CONCLUSÃO.

Recomendamos, além disso, que os diáconos sejam um exemplo no que tange à mordomia cristã, afinal, como recolheremos as ofertas aos santos e se não formos um padrão nesse quesito? Alcemos, pois, nossos dons; o Senhor ama aquele que dá com alegria e honra aquele que, com sabedoria e zelo, recolhe as ofertas dos santos.

CAPÍTULO V

O DIÁCONO COMO PORTEIRO

1 – O QUE É O PORTEIRO?

Porteiro é o que guarda a porta. É o obreiro especialmente treinado para vigiar as portas do templo, e recepcionar os adoradores de Deus. Esta função, via de regra, é exercida pelos diáconos; cabe a estes manter a boa ordem na casa de Deus. No Antigo Testamento este privilégio cabia aos levitas.

2 – OS LEVITAS COMO PORTEIROS.

Além dos ofícios sacrificiais, encarregavam-se também os levitas das portas do Santo Templo. Em santo temor e provada reverência, guardavam as entradas e saídas da casa de Deus a fim de que nenhum intruso nela se esgueirasse, e para que nada imundo viesse a contaminá-la. Esta função era de tal forma considerada, que os filhos de Levi tinham-na como um ministério (1Cr 23.5). Atuar como porteiro era uma honra, que só haveria de ser usufruída pelos sacerdotes (1Cr 26.12).

3 – O MINISTÉRIO DE PORTEIRO NO ANTIGO TESTAMENTO.

Os porteiros do Santo Templo formavam uma classe nobilíssima em Israel. Em virtude de sua função, que incluía a custódia das ofertas e do tesouro sagrado, constituíam-se eles numa eficientíssima organização paramilitar. Eram divididos em turnos regulares, pois as portas da Casa de Deus tinham de ser vigiadas dia e noite. O capitão do Templo estava sempre atento a fim de supervisionar o trabalho dos porteiros. Eram estes nomeados por sorteio.

4 – RECOMENDAÇÕES AO PORTEIRO.

Embora os diáconos que atuem como porteiros não sejam levitas e nem estejam a guardar o Santo Templo em Jerusalém, devem eles observar as seguintes recomendações, pois o seu trabalho é igualmente importante:

- a) Tenha sempre em mente que, na função de porteiro estará lidando com pessoas de diferentes temperamentos e índoles. Portanto, esteja preparado para enfrentar as mais diversas situações;
- b) Leia todos os Provérbios de Salomão. Temos aqui utilíssimos conselhos que muito nos ajudarão a contornar os imprevistos e o inesperado da função. São 31 capítulos da mais elevada sabedoria. Um capítulo para cada dia do mês;
- c) Mantenha-se continuamente em oração e vigilância. Não se deixe surpreender pelo adversário;
- d) Vista-se com discrição e elegância. Lembre-se: é através do porteiro que a igreja começa a impressionar os visitantes;
- e) Apresentar-se de barbeado e com os cabelos penteados. Nada de perfumes fortes;
- f) Ao recepcionar um visitante, procure saber o nome deste; trate-o com urbanidade; busque-lhe um lugar adequado;
- g) Esteja atento às crianças. Não as deixe sair à rua; não permita que elas fiquem entrando e saindo do Templo, levando a irreverência à casa de Deus. Cuidado com os raptos e molestadores de crianças. Se vir alguma criança deixar o Templo com pessoas que não sejam seus pais, consulte a estes imediatamente;
- h) Mantenha-se atento ao que ocorre fora do recinto do Templo. Não se distraia com o Culto. Embora seja custoso, é necessário para que os outros adoradores possam cultuar a Deus em segurança;
- i) Esteja sempre preparado para ajudar as pessoas enfermas, deficientes e idosas, orientando as mesmas a subirem de elevador; e

j) Lembre-se e não se esqueça nunca, em nossa igreja são escalados 02 (dois) porteiros, só estes devem ficar na entrada principal do Templo. Os demais diáconos devem estar no templo em suas escalas.

5 – CONCLUSÃO.

Apesar de não termos mais um local de adoração imponente e hierático como o Templo de Salomão, não podemos descuidar da função de porteiro. Terá este, afinal, de recepcionar os filhos de Deus e os pecadores que, exaustos, vêm em busca de auxílio e refrigério às suas almas.

À semelhança dos levitas, exerça essa função com redobrado amor e discernimento. Fique atento! Aja como aquele atalaia que, em serviço, jamais dormita.

CAPÍTULO VI

A ÉTICA DIACONAL

1 – O QUE É A ÉTICA DIACONAL?

Antes de entrarmos a ver o que é ética diaconal, é necessário que busquemos uma definição de ética.

1.1 – O Que é a Ética? – Numa primeira instância, podemos dizer que a ética é uma ciência moral. Também podemos dizer que a ética é o “estudo sistemático dos deveres e obrigações do indivíduo, da sociedade e do governo”. Seu objetivo: estabelecer o que é certo e o que é errado. Ela tem como fonte a consciência, o direito natural, a tradição e as legislações escritas; mas, acima de tudo, o que Deus estabeleceu em Sua Palavra (a Ética das éticas). A essência da ética acha-se registrada nos Dez Mandamentos. “A única legislação capaz de substituir a todas as legislações humanas” (**Dicionário Teológico**, edições CPAD).

1.2 – O Que é a Ética Diaconal? – Ética diaconal, por conseguinte, é a norma de conduta que o diácono deve observar no desempenho de seu ministério. Através desse código de procedimentos, terá ele condições de discernir entre o que é certo o que é errado. Para que jamais venha a ferir as normas de conduta de seu ministério, é imprescindível que tenha ele sempre consigo as fontes da ética diaconal.

2 – AS FONTES DA ÉTICA DIACONAL.

Do que já vimos até ao presente instante, não nos é difícil inferir quais as fontes da ética diaconal, são estas: a Bíblia, os regulamentos da igreja local e a consciência do próprio diácono.

2.1 – A Bíblia.

Nós evangélicos temos a Bíblia como a infalível e inspirada Palavra de Deus. É a nossa inapelável regra de norma e conduta, quaisquer estatutos ou regulamentos eclesiásticos têm de emanar da Bíblia, e não pode, sob hipótese alguma, contrariar a esta.

O diácono, portanto, orientar-se-á espiritual e eticamente através da Bíblia. Quanto ao seu cargo específico, levará em conta as seguintes passagens: Atos 6.1-6; 1ª Timóteo 3.8-13. Leia sempre esses textos; tenha-os em sua mente; inscreva-os na tábua do seu coração. Agindo assim, jamais tropeçará.

2.2 – Regulamentos da Igreja Local.

Além das Sagradas Escrituras, estará o diácono atento aos regulamentos, estatutos e convenções da igreja local. É claro que, conforme já dissemos, têm de estar estes em perfeita consonância com a Palavra de Deus.

Esteja atento, pois, às particularidades culturais e estatutárias de sua igreja. Aja de conformidade com estas; não despreze nem as fira. Se não contrariam a Palavra de Deus, por que não observá-las? Lembre-se: é melhor obedecer do que sacrificar. Tenha a necessária sabedoria para não ferir as convenções locais. Quem no-lo recomenda é a lei do amor.

2.3 – A Consciência do Próprio Diácono.

É a consciência aquela voz secreta que temos na alma que, de conformidade com os nossos atos, aprovamos ou reprovamos. O apóstolo Paulo dá como válido o testemunho da consciência: “pois não são justos diante de Deus os que só ouvem a lei; mas serão justificados os que praticam a lei (porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmos são lei, pois mostram a obra da lei escrita em seus

corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os)” (Rm 2.13-15).

Por conseguinte, mantenha sempre a sua consciência em absoluta consonância com a Palavra de Deus. Não a deixe cauterizar-se. Permita que o Espírito Santo domine-a por completo. E, todas às vezes que, quer sua vida particular, quer no exercício do ministério, sentir que ela o acusa, dobre os joelhos, e ore como o rei Davi: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho perverso, e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23-24). O Senhor, então, mostrar-lhe-á como agir e corrigir-se se for necessário. Lembre-se: a sua consciência, posto que necessária, não é a autoridade última de sua vida. Ela somente será válida se estiver em conformidade com os reclamos e demandas da Palavra de Deus.

Já que sabemos quais as fontes da ética diaconal, vejamos a seguir quais os principais direcionamentos éticos que deve o diácono observar no exercício de seu ministério.

3 – SÍNTESE DA CONDUTA ÉTICA DO DIÁCONO.

Por conduta ética do diácono, entendemos o seu irrepreensível proceder de conformidade com a Palavra de Deus, conforme os regulamentos, estatutos e visão cultural da igreja em que ele estiver lotado, e segundo o testemunho de sua consciência que, em hipótese alguma, pode contrariar as Sagradas Escrituras.

Em linhas gerais, estes são os procedimentos éticos que deve o diácono observar no exercício de seu ministério:

3.1 – Quanto ao Seu Ofício – Conscientize-se de que foi separado para servir a mesa de Cristo, a mesa da igreja de Cristo e a mesa do anjo da igreja de Cristo. Portanto, exerça o seu ministério de acordo com a ordenação que lhe confiou o Senhor Jesus. O seu principal mister é servir e não pregar. Ainda que você pregue melhor que seu pastor, não se prevaleça disso. Dê-lhe todo o suporte a fim de que ele se dedique à oração e à exposição da Palavra.

Caso tenha você outra chamada específica, não se exaspere; no devido tempo ela acontecerá. Até lá, cumpra rigorosamente o seu diaconato. Se houver oportunidade para pregar, pregue. Mas não esqueça, por enquanto, que sua obrigação é servir à mesa de Cristo, à mesa da igreja de Cristo e a mesa do anjo da igreja de Cristo. Quando você for ministro da Palavra, outra função mais nobre ser-lhe-á dada: lavar os pés aos que se encontram nessas três mesas. Não se ausente para pregar; esteja presente para servir.

3.2 – Quanto à Sua Lealdade – Lembre-se: é você, como diácono, o melhor amigo de seu pastor. Portanto, não se junte aos revoltosos nem faça oposição ao anjo da igreja. Antes, ore por ele, sirva-o amorosa e sacrificialmente.

Se o seu pastor equivocar-se em alguma coisa, converse com ele, mostrando-lhe, humildemente, porque acha você estar ele errado. Não se esqueça de que ele pode estar certo. Por isso, saiba como falar-lhe. E que ninguém mais saiba do teor dessa conversa.

3.3 – Quanto às críticas – Não critique o seu pastor e nem os membros de seu ministério. Quando alguém o fizer, desestimule-o. Mostre aos críticos acérrimos e pertinazes que, ao invés das críticas, ocupem-se em orar pelo anjo da igreja e pela expansão do Reino de Deus.

3.4 – Quanto à Minистраção Particular da Ceia – Se designado a levar a Ceia para alguém do sexo feminino, no domicílio desta, faça-se acompanhar de sua esposa ou de outras pessoas. Jamais entre na casa de um membro da igreja a menos que lá esteja o pai da família. Seja prudente e vigilante. Fuja sempre da aparência do mal. Não brinque com o pecado.

3.5 – Quanto ao Dinheiro – O ideal é que todos os dízimos e ofertas sejam entregues na casa do tesouro. Se alguém quiser entregar-lhe o dízimo, ou a oferta, peça-lhe gentilmente que o faça na

tesouraria da igreja. Se for imprescindível que receba a oferta e o dízimo, leve-os imediatamente a igreja. Não os esqueça consigo nem pegue emprestado. O dinheiro não é seu; pertence a Jesus.

3.6 – Quanto à Discrição – A discrição é uma das qualidades essenciais para o exercício do diaconato. É a qualidade de quem é prudente, discreto e que sabe guardar segredo. O homem discreto é alguém em quem se pode confiar.

No exercício do diaconato, você certamente presenciará muitos casos graves e comprometedores. Se você não for prudente, poderá arruinar preciosas vidas e reputações que vêm sendo construídas há décadas. Portanto, saiba controlar a própria língua. Em casos graves, procure diretamente o seu pastor. Não vá sair por aí segredando, pois o segredo compartilhado com pessoas erradas deixa de ser segredo para tornar-se notícia. Leia o livro de Provérbios diariamente, e certifique-se de quão valiosa é a discrição.

3.7 – Quanto às Arbitrariedades – Exerça o seu ministério no poder do Espírito Santo. Deixe de lado as ameaças e arbitrariedades. Você não precisa lembrar a ninguém de que é diácono, mas todos precisam saber que você é, de fato, um homem de Deus.

3.8 – Quanto à Pontualidade – Chegue pelo menos 30 (trinta) minutos antes do culto se iniciar (se possível), e não tenha pressa ao terminar o culto, o pastor está sempre a precisar de sua ajuda.

3.9 – Quanto à Obediência – Não discuta as ordens de seu pastor. Se não estiver de acordo com elas, indague sobre as razões destas. Se não puder cumpri-las, justifique-se. Mas não saia resmungando e nem murmurando. Lembre-se: é melhor obedecer do que sacrificar.

3.10 – Quanto ao Amor – Se você exercer o seu ministério com amor, estará cumprindo a Lei, os Profetas e todo o Novo Testamento. E será, em todas as coisas, bíblica e eticamente correto. Portanto, não se esqueça da Palavra de Deus. Tenha sempre bem junto de ti.

4 – CONCLUSÃO.

À semelhança do velho Olinto, pode você exercer um diaconato irrepreensível. Aja, portanto, de acordo com a Palavra de Deus. Observe as normas de sua igreja, e jamais desdenhe da visão cultural desta. Prime pela ética. Não deixe que nada venha a macular o seu ministério. Não basta ser eficiente; é necessário que ajamos de conformidade com a Palavra de Deus.